

as condições de vida, reconfigurando a cultura e a vida social. Isso não deve ser muito difícil já que entendemos de recombinação e remixagem por sermos fruto desse processo. Nascemos na mistura, do sincretismo e do pluralismo cultural. Cabe então aproveitar esse conhecimento nato e corporal para poder participar ativamente da cibercultura e criar novos territórios recombinantes.

Obrigado pela atenção.

território. O reconhecimento do território informacional é comunicacional, mas também social e político.

Ao aumentar as possibilidades de trocas entre consciências (*blogs*, fóruns, *chats*, redes p2p, etc...), as mídias pós-massivas aumentam as probabilidades de ocorrência de processos comunicativos, ampliando as formas de recombinação. Com as tecnologias móveis e os territórios informacionais essa potência da emissão, da conexão e da reconfiguração aumenta ainda mais as práticas de colaboração e recombinação, aliando de forma mais forte comunicação, comunidade, sociabilidade e mobilidade. A partir daí surgem diversas e inusitadas formas de recombinação informacional e cultural (troca de SMS, fotos e vídeos por celular, *smart mobs* e *flash mobs*, *short films* em celulares, troca de arquivos via *bluetooth*, mudança nos espaços e nas práticas sociais nesses espaços a partir de zonas *Wi-Fi* e etiquetas RFID, games de rua...). Cria-se aqui novas tensões entre o público e o privado, entre o controle por parte do território físico ou institucional (que são as leis, as regras e tudo o que está em jogo em uma instituição) e o espaço eletrônico.

Os territórios informacionais permitem assim, a emergência, no espaço urbano, de formas sociais e comunicacionais novas, de usos diferenciados do espaço urbano, permitindo diversas reconfigurações que vão, por sua vez, alimentar ainda mais os três princípios básicos: a liberação da emissão, a conexão generalizada e a configuração das diversas instâncias da cultura. Essas recombinações são muito complexas e estamos ainda no início desse processo. Contudo, já estamos vivendo hoje a potência da cibercultura *remix*, onde a recombinação se dá por diversos territórios, seja na internet fixa ou na internet móvel com as tecnologias sem fio. Assistimos, na cibercultura recombinate atual, a diversos processos de mixagem que se dão em diversos territórios, físicos, culturais, simbólicos e informacionais.

Reconhecer essa dinâmica é fundamental e mesmo estratégico para que a cultura brasileira possa produzir conteúdos para a sociedade da informação. Ela deve compreender e aproveitar os três princípios fundamentais da sociedade da informação: emitindo, na produção de conteúdo, conectando, em processos coletivos e colaborativos, produzindo inteligências coletivas e alterando

A mídia massiva - televisão, jornais, rádios, impresso, são meios informativos utilizados na esfera privada, sem nenhuma possibilidade de emissão. Esses produtos da mídia massiva são, erroneamente, chamados de meio de comunicação de massa. Eles cumprem efetivamente um papel comunicacional, mas apenas pela sua função informativa. Assim, televisão, rádio, revistas e jornais são meios informativos de massa que não permitem o estabelecimento de processos comunicativos mais amplos e profundos, com formatos comunicacionais de mão dupla e efetiva troca entre consciências. Na verdade, são meios de informação que não permitem nenhuma interação, a não ser, indiretamente, pela interpretação e demais processos simbólicos de recepção e formação de opinião pública.

A cultura digital pós-massiva estabelece processos de mão-dupla, aumentando as possibilidades efetivas de ocorrência de fenômenos comunicativos. A diferença existente em relação aos meios massivos é que nos meios massivos o território é, na maioria das vezes, um espaço privado (ou semi-privado) e o consumo da informação se dá de forma unidirecional, apenas como recepção, e sem mobilidade. Hoje, o território digital cria uma zona dentro de outros territórios onde é possível acessar, produzir e distribuir informação, de maneira autônoma estabelecendo redes colaborativas e processos comunicativos mais complexos. Assim, qualquer indivíduo pode fazer fotos ou um vídeo pelo celular e rapidamente enviar para sua comunidade no *YouTube*, *Orkut* ou *blog*. Essa gestão do fluxo da informação é incontrolável (*a priori*) pelo território físico onde se dá a conexão.

Por exemplo, nesse teatro onde falamos, posso enviar fotos, filmes ou mensagens de texto sem que aqueles que controlam esse território físico, legal, simbólico, saibam ou mesmo possam fazer alguma coisa (a não ser que bloqueiem o acesso a rede impedindo a criação do meu território informacional). Há aqui uma imbricação entre os diversos territórios que compõem essa minha experiência: o território físico (o ICBA, Salvador, Brasil...), meu território corporal e subjetivo, o território econômico, jurídico, cultural onde estou imerso, o meu território informacional que só eu tenho acesso a partir de minhas senhas pessoais. Assim, o território informacional deve ser pensado nessa miríade de territórios e deve ajudar a manter a privacidade e a segurança do meu

controle informacional em meio a um fluxo planetário de possibilidades desterritorializantes. Um processo não existe sem o outro. As tecnologias informacionais como o telefone celular, *palms* ou *laptops* são dispositivos por onde exercemos o controle informacional. Esse lugar de controle constitui o meu território informacional digital, constituído pelo espaço telemático, por senhas de acesso e lugares físicos de conexão. No entanto, embora territorializado, posso realizar efetivamente movimentos de fuga, de desterritorialização. Quais os processos que estão em jogo hoje com o território informacional?

O sociólogo espanhol Manuel Castells cria uma polaridade com o que chama de espaço de fluxos, que é o ciberespaço, e o espaço de lugar, que são ruas, monumentos, praças, lugares físicos de uma cidade. Castells chama a atenção para a sinergia dessas duas modalidades de espaço. O espaço de fluxos não é etéreo, mas ancorado nos espaço de lugar. São computadores interligados, redes de satélites, cabos de fibra ótica, servidores, etc., criando uma infraestrutura concreta de constituição das redes telemáticas. Nessa fusão de espaço de lugar e espaço de fluxo vemos a constituição dos territórios informacionais: além do território físico, do controle simbólico, corporal, cultural, vemos surgir uma nova dimensão um território que podemos chamar de território de controle de informação, o território digital informacional.

Estes territórios informacionais são constituídos, cada vez mais, não apenas por “pontos de presença” (acesso por cabos, preso a um determinado espaço de lugar), mas por zonas amplas de acesso (acesso sem fio, em mobilidade, em qualquer lugar) onde é possível acessar informação em mobilidade na interface entre o espaço eletrônico e o espaço físico das cidades. Algumas cidades americanas e européias oferecem zonas de acesso wi-fi livres em centros e pontos estratégicos das cidades. Esse lugar, na interseção do fluxo informacional com o espaço físico, onde é possível controlar a emissão e a recepção, aumentando o espectro da comunicação e da informação social, é um território digital. Mas o qual a relação entre esses territórios informacionais e a cibercultura recombinante?

pelo monitoramento informacional exercido pela estrutura empresarial. Estas duas noções são bastante complexas e não temos tempo de desenvolvê-la aqui⁴.

Efetivamente, as mídias de massa criam processos desterritorializantes (jornais, TV, rádio). O ciberespaço cria também processos desterritorializantes ao permitir o consumo multicultural. Um ativista chinês, por exemplo, pode obter informações e disseminá-las, tentando escapar ao controle policial e político de seu país, criando uma linha de fuga, uma desterritorialização pela Internet. O mesmo podemos dizer da coordenação informacional do PCC (Primeiro Comando da Capital, organização criminosa) em recentes ataques à cidade e ao Estado de São Paulo. Territorializados pelo poder judicial, dentro de uma prisão, os líderes do PCC conseguem, a partir das tecnologias móveis, mobilizar e atingir diversos pontos não só da capital mas também de outras cidades do Estado. Vemos aqui processos desterritorializantes através de redes telemáticas, computadores e, principalmente, telefones celulares.

Autores consideram o ciberespaço como um espaço ilimitado constituído por redes informacionais planetárias, permitindo a circulação fora de qualquer constrangimento. Ele seria um espaço puro, sem ficção, etéreo e virtual. No ciberespaço, o território rugoso e resistente é apagado, apenas subsistindo um espaço fluído, feito para circulação. Contudo, embora ele efetivamente permita esse tipo de circulação, o ciberespaço é também um espaço estriado, institucionalizado, controlado, feito por protocolos de acessos a partir de senhas informacionais, organizado por padrões tecnológicos que são geridos pelo ICANN, instituição do Departamento de Comércio Americano. O ciberespaço não é um território apenas liso, mas também um território de controle e vigilância, ou seja, um lugar de territorialização.

Assim, por exemplo, os meus *sites*, *blogs*, *podcasts*, minha comunidade, minha rede de relacionamento, são formas de territorialização no ciberespaço global. Crio minhas zonas de

⁴ Ver para isso Lemos, André. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura.** e Lemos, André, **Mídia Locativa e Territórios Informacionais.**, ambos in <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemons/artigos.html>

Há, na cultura de massa, a possibilidade de controle apenas sobre as informações recebidas: escolha de jornais, de emissoras de televisão, de estações de rádio, etc, mas não sobre a emissão. Se não há controle total do fluxo informativo, não há território informacional. Hoje, com as mídias pós-massivas, essa liberdade existe, como vimos nos exemplos dos princípios da emissão, conexão e reconfiguração. Podemos dizer que na atual cibercultura podemos ter uma maior controle informacional já que podemos ter mais escolhas do que consumimos como informação e podemos também emitir nossa própria informação. O lócus de controle desse fluxo informativo é o território informacional, onde o usuário controla o que entre e sai na sua fronteira informacional. Esses territórios informacionais configuram-se através das redes de telefone celular, acesso móvel a dados via redes wi-fi, *bluetooth* e com etiquetas RFID. Trata-se de um território invisível, constituído na intersecção do espaço físico com o eletrônico. Propomos aqui a idéia polissêmica de território, indo além do espaço físico, da fronteira jurídica dos estados, onde cabe noções como território subjetivo, cultural, artístico... O território informacional é uma heterotopia (Foucault) do controle e acesso à informações digitais.

A Internet e as tecnologias digitais contemporâneas, desde a internet fixa até as tecnologias móveis atuais permitem, efetivamente, a vivência de processos desterritorializantes, mas, ao mesmo tempo, de controle informacional, ou seja, de criação de territórios. Podemos ver processos desterritorializantes na total imobilidade (o pensamento para Deleuze é a desterritorialização por excelência), assim como processos territorializantes na mobilidade, como o mapeamento de territórios via GPS ou telefones celulares. Um indivíduo, por exemplo, pode estar imóvel, em sua própria casa, mas desterritorializado, ao experienciar eventos que não necessariamente fazem parte de sua cultura (pela TV ou hoje pela internet). Por outro lado, um executivo que viaja com um *laptop* e um celular está em mobilidade mas, ao mesmo tempo controlado e, assim, territorializado

Os celulares são hoje um fenômeno mundial e o Brasil atingiu recentemente a marca de 100 milhões. Trata-se de um equipamento que converge diversas funções, sendo um “tele-tudo” capaz de conectar vozes, dados, imagens fixas e animadas, vídeos, música, mensagens de texto... A tecnologia de rede via chips *Bluetooth*, permite a criação de pequenas redes entre diversos equipamentos. Estas já são tecnologias disponíveis em alguns telefones celulares, computadores, máquinas fotográficas, entre outros aparelhos. As etiquetas de radiofrequência, RFID, são etiquetas que estão hoje substituindo os antigos códigos de barra, emitindo informações sobre produtos/objetos dentro de um pequeno perímetro. As formas de conexão sem fio à Internet através de equipamentos como *laptops*, *palms* e *smartphones* é conhecida como protocolo Wi-Fi (*Wireless Fidelity*), rede sem fio de acesso a Internet com alcance em um raio de até 100m (Wi-Max, que é um prolongamento da tecnologia Wi-Fi com alcance de até 50km).

Essas tecnologias, ou mídias locativas, estão reconfigurando as práticas sociais e comunicacionais nas cidades contemporâneas a partir de ações que se desenvolvem dentro do que chamaremos aqui de territórios informacionais. A interface entre o espaço eletrônico e o espaço urbano cria os territórios digitais informacionais. Esses formam-se na emissão e recepção de informação digital em espaços híbridos, informacionais e físicos, através dos dispositivos móveis acima mencionados. Esses territórios informacionais se caracterizam de maneira diferenciada em relação ao espaço de informação dos meios massivos, como a TV, o rádio e a mídia impressa.

A questão do território, como alguns geógrafos vão definir, tem relação direta com o controle. A noção de território como controle vem da etologia, mostrando como o comportamento dos animais estabelece zonas efetivas de controle. Toda a noção de território tem relação com a noção de acesso e controle no interior de fronteiras. Essas palavras, acesso e controle, são extremamente importantes para a compreensão da sociedade tecnológica contemporânea. O acesso ao universo informacional se dá através de senhas. E existe hoje, efetivamente, na rede, um maior controle sobre o que emitimos e recebemos, diferente da prática de consumo de informação na cultura massiva.

Essa desterritorialização cultural, política é também econômica. O dinheiro circula por cidades mundiais buscando a maior rentabilidade, sem reconhecer fronteiras territoriais. Na esfera cultural as fronteiras também tem sido apagadas pelo que se chama de multiculturalismo. Hoje, através da Internet, é possível ouvir uma rádio russa, ler um jornal da Coreia e visitar um *site* da Finlândia. Fazemos isso diariamente com muita facilidade. Podemos estar conversando com alguém do Sri Lanka pelo *Messenger*, sem nos darmos conta que estamos vivendo um processo de desterritorialização generalizado. Participamos de diversos acontecimentos, temos acesso a diversas culturas e a diversas informações que não necessariamente fazem parte do nosso território. O sociólogo Anthony Giddens vai chamar esse fenômeno de desencaixe.

Certamente os meios massivos criam processos desterritorializantes com as informações mundiais, “ao vivo”. No entanto, a televisão só podia ser vista localmente, o mesmo acontecendo com o rádio e os jornais que remetem sempre aos nossos espaços locais, ao nosso território, à nossa cidade. Com a cultura digital das mídias pós-massivas e principalmente as tecnologias móveis, vemos agravar os processos de desterritorialização. Mas, ao mesmo tempo, criamos também novas territorializações.

Desenvolvemos, nos últimos anos, no Grupo de Pesquisa em Cibercidade (GPC)³ trabalhos voltados à interface entre o espaço eletrônico e o espaço urbano, pesquisas sobre a relação entre as novas tecnologias e as cidades. Recentemente o trabalho tem se dirigido à análise de tecnologias móveis, principalmente dos processos que se dão a partir de tecnologias como redes de telefones celulares, redes *Bluetooth*, etiquetas *RFID*, e áreas de conexão *Wi-Fi*. Essas tecnologias criam processos desterritorializantes e também territorializantes a partir do fluxo de trocas informativas em territórios informacionais digitais.

³ O GPC é parte do Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura, Ciberpesquisa, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da UFBA. Ver <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/gpc>

configuração onde se alternarão processos massivos e pós-massivos, na rede ou fora dela. Com a difusão dos *podcasts*, o rádio vai morrer e acabar? Com a *web*, a televisão vai acabar? Não há nenhuma evidência disso. O que existe na cibercultura recombinate é uma reconfiguração informacional. Não o fim da cultura de massa, mas sua transformação acolhendo processos bidirecionais, abertos, onde prevalecem a liberação da emissão sob diversos formatos e modulações e uma conexão generalizada e planetária por redes telemáticas.

Esses são os três princípios básicos para uma compreensão das recombinações que estão em jogo na cultura contemporânea: emissão, conexão, reconfiguração. Recombinações que vêm da liberação da emissão, do princípio de conexão. Trata-se de uma reconfiguração cultural, artística, imaginária, subjetiva, produtiva, econômica, jurídica, em marcha. A compreensão desses princípios vai permitir entender o que chamaremos de território digital informacional e os impactos socioculturais das atuais tecnologias móveis de comunicação e informação.

Territórios Informacionais Recombinantes

A idéia da globalização, forte característica da cultura contemporânea, remete a uma sensação de perda de território, de apagamento de fronteiras. A globalização nos remete a diversos problemas de fronteira (cultural, político, geográfico, subjetivo...). Qual o limite do indivíduo e de sua subjetividade hoje? O que é a subjetividade contemporânea em relação a subjetividade moderna senão esfacelamento? Qual é a fronteira do corpo físico em meio às diversas próteses tecnológicas? Qual é o limite legal da economia de um Estado-Nação? Até que ponto o nosso governo, por exemplo, é autônomo para decidir livremente sobre os destinos da sua economia? Não seria ele dependente de organismos supranacionais como o FMI, o GAT, o Banco Mundial que balizam, de certa forma, a economia nacional? A Europa é um continente e também não é uma comunidade, uma zona que agrega países que têm que se adaptar à uma constituição européia para além, às vezes, de sua própria soberania?

grupo, de uma cidade ou de um país. Assim, emitir e conectar produz o terceiro princípio em voga hoje na cultura contemporânea: a reconfiguração (de práticas e instituições) da indústria cultural massiva e das redes de sociabilidade da sociedade industrial. Vários analistas mostram que há hoje uma crise no modelo produtivo e econômico da indústria cultural massiva, embora isso não signifique necessariamente a sua aniquilação.

No que se refere as reconfigurações da indústria cultural massiva, uma das grandes questões que atualmente desponta é a da autoria e da proteção de obras para a reprodução, uso e cópia. Alguns sistemas já estão surgindo como opção para a criação de mecanismos legais de recombinação, conhecidos como licenças abertas, ou *copyleft*. Um exemplo de sucesso é a licença *creative commons* - licença de uso que permite a modificação, a cópia e a distribuição de obras, com diversas modulações de proteção de direito de autor. Trata-se, na realidade, de uma crise de sistemas culturais, legais e econômicos pela reconfiguração da indústria cultural clássica, massiva.

Há, portanto, reconfiguração e remediação. Jornais fazendo uso de *blogs* (uma reconfiguração em relação aos *blogs* e aos jornais) e de *podcasts*. *Podcasts* emulam programas de rádio e Rádios editam suas emissões em *podcasts*. A televisão faz referência à Internet, a Internet remete à televisão. Os autores americanos Bolter e Grusin vão chamar esta reconfiguração de remediação ("*remediation*"). Trata-se efetivamente de remediações na esfera das mídias e de reconfigurações de práticas sociais e de instituições (organizações, leis, regulações...). Podemos dizer que, atualmente, estamos imersos em uma paisagem audiovisual dupla, onde dois sistemas comunicacionais amplos, complementares, e às vezes antagônicos, coexistem, oferecendo uma maior pluralidade info-comunicacional: o modelo massivo da indústria cultural dos séculos XVIII-XX e o modelo "pós-massivo", caracterizado pelas mídias digitais, redes telemáticas e processos recombina-tórios de conteúdo informacional emergentes a partir da década de 1970.

A cultura digital pós-massiva não representa o fim da industrial massiva. Por sua vez, a indústria massiva não vai absorver e "massificar" a cultura digital pós-massiva. A cibercultura é essa

princípio, a conexão em rede telemática, parece ser mesmo uma característica fundamental da cibercultura. A internet, desde seus primórdios, configura-se como lugar de conexão e compartilhamento. Assim surgiram as primeiras listas de discussão, as trocas de *email*, o *ftp*, os *chats*, *muds*...e isso desde as primeiras BBSs na década de 70 do século passado. Não podemos esquecer também do protocolo TCP-IP, produzido para interligar os sistemas operacionais (língua técnica para troca de dados entre computadores) e colocado a serviço da humanidade de forma livre e gratuita. Desde então, só vemos crescer as formas de produção e o consumo informacional pela produção livre, pela circulação e por processos colaborativos. Uma nova economia política parece tomar forma: Produção é liberação da emissão e consumo é conexão, circulação, distribuição. A recombinação cibercultural se dá por modulações de informações e por circulação em redes telemáticas.

Os diversos fenômenos sociais como vimos, tais como os *blogs*, *podcasts*, redes *peer to peer* (redes de trocas de arquivos como os de música, por exemplo, que colocam hoje a indústria fonográfica de “cabelos em pé” com questionamentos a respeito do *copyright*.), Web 2.0 e seus *softwares* sociais como o *Orkut*, *Flickr* ou *YouTube*, redes de desenvolvedores de *softwares* livres, usuários de telefone celulares e suas mensagens de texto, suas fotos e vídeos, etc., cumprem bem essa função de conexão, função comunitária e de vínculo social através das tecnologias eletrônico-digitais. Esse é mesmo um traço característico da cibercultura: o uso das redes e tecnologias de comunicação e informação para a criação de vínculos sociais, locais, comunitários e mesmo planetários. O princípio de emissão está acoplado assim ao princípio de conexão generalizada de troca de informação. E isso será rico em conseqüências.

Produza, emita, conecte e...transforme!

Não se trata, como vimos, apenas de emissão, mas também da conexão. E sempre que há emissão livre (liberdade de vozes, de opinião, de idéias) e conexão (de pessoas ou grupos) há sempre mudança, movimento, linhas de fuga. Não é à toa que reprimir a livre palavra e a livre conexão é sempre uma prerrogativa utilizada por regimes totalitários, sejam eles de um pequeno

Na cultura pós-massiva que constitui a atual cibercultura, produzir, circular e acessar cada vez mais informação tornam-se atos quotidianos, corriqueiros, banais. Para dar exemplos concretos, podemos dizer que *blogs* e *podcasts*, tornaram-se novas formas de emissões textual, imagética e sonora onde cada usuário faz o seu próprio veículo. Os *blogs* são hoje um fenômeno mundial de emissão livre de informação sobre diversos formatos (pessoais, jornalísticos, empresariais, acadêmicos, comunitários...). Os *podcasts*, por sua vez, são formas livres de emissão sonora onde cada usuário pode criar o seu próprio programa e disseminá-lo pela rede. As formas da arte eletrônica colaborativas mostram diversas ações coletivas, participativas e recombinatórias, onde pessoas e grupos cooperam entre si, pela via telemática. O mesmo acontece com o desenvolvimento dos *softwares* livres, hoje um sistema muito poderoso que também faz parte dessa liberação da emissão. Aqui os códigos são alterados e disponíveis para novas modificações através de desenvolvedores espalhados pelo mundo.

O mesmo podemos dizer da prática de produção de informação (liberação da emissão) a partir de dispositivos móveis. Muitas das informações e imagens que recebemos referentes aos *tsunamis*, aos atentados em Madri e em Londres foram disseminadas por pessoas através de câmeras embutidas em telefones celulares. Da mesma forma, as últimas guerrilhas urbanas ocorridas em Paris foram não só documentadas como também, de alguma maneira, impulsionadas pelo uso testemunhal de telefonia móvel, como no caso de um indivíduo que filmou, da janela de sua casa, através de um telefone celular, a polícia agredindo jovens da periferia. Esse vídeo, disseminado pela rede, em *blogs*, aumentou ainda mais a revolta. Assim, com a liberação da emissão temos testemunhas que podem produzir e emitir de forma planetária os diversos tipos de informação. Esses exemplos são comprovações da potência da liberação da emissão na atual cibercultura recombinante. Isto nos leva ao segundo princípio: a conexão.

Produza, Emita e...Conecte!

Não basta emitir sem conectar, compartilhar. É preciso emitir em rede, entrar em conexão com outros, produzir sinergias, trocar pedaços de informação, circular, distribuir. Esse segundo

softwares sociais, a arte eletrônica... Trata-se de uma crescente troca e processos de compartilhamento de diversos elementos da cultura a partir das possibilidades abertas pelas tecnologias eletrônico-digitais e pelas redes telemáticas contemporâneas.

Emita e Produza!

O primeiro princípio, que está na base de tudo, e que se diferencia da época ou da forma de acesso à informação e à comunicação na cultura massiva é a liberação do pólo da emissão. Essa é uma primeira característica dessa cultura digital “pós-massiva”. O que vemos hoje são inúmeros fenômenos sociais em que o antigo “receptor” passa a produzir e emitir sua própria informação, de forma livre, multimodal (vários formatos midiáticos) e planetária, cujo sintoma é às vezes confundido com “excesso” de informação. As práticas sócio-comunicacionais da Internet estão aí para mostrar que as pessoas estão produzindo vídeos, fotos, música, escrevendo em *blogs*, criando fóruns e comunidades, desenvolvendo *softwares* e ferramentas da Web 2.0, trocando música, etc.

Essas práticas refletem a potência represada pelos meios massivos de comunicação que sempre controlaram o pólo da emissão. Editoras, empresas de televisões, jornais e revistas, indústrias da música e do filme, controlam a emissão na já tão estudada cultura da comunicação de massa. Na indústria cultural massiva há um emissor de informação que dirige sua produção para uma massa de receptores, transformada, com alguma sorte, em público. Isto não significa que não houvesse possibilidades de acesso e produção *underground* da informação: fanzines, rádios e TVs piratas, etc., sempre existiram mas com um alcance bastante limitado. A evolução da tecnologia eletrônico-digital cria uma efervescência, um excesso de informação pela possibilidade de que cada um seja também produtor e emissor de conteúdo. Exceção feita, claro, aos países de regime totalitário/autoritário que buscam controlar e filtrar a rede, cercear a produção, a circulação e o consumo da informação, como é o caso da China.

ser, de alguma forma, permeável a outras formas culturais. Esse processo está em marcha desde as culturas mais “primitivas”, até a cultura contemporânea, a cibercultura. Assim, não é a recombinação em si a grande novidade, mas a forma, a velocidade e o alcance global desse movimento.

As novas tecnologias de comunicação e informação serão vetores de agregação social, de vínculo comunicacional e de recombinações de informações as mais diversas sobre formatos variados, podendo ser textos, imagens fixa e animada e sons. A cultura “pós-massiva” das redes, em expansão com sites, *blogs*, redes de relacionamento como o Orkut, troca de fotos, vídeos e música em sistemas como Flickr’s, YouTube e redes P2P, mostra muito bem esse movimento de recombinação cultural em um território eletrônico em crescimento planetário.

Para compreender esse processo recombinação devemos tentar encontrar princípios que norteiam esses movimentos. Podemos dizer, a título de hipótese, que há três leis que estão na base do processo cultural atual da cibercultura, a saber: a liberação do pólo da emissão, o princípio de conexão em rede e a conseqüente reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recombinações.

Como dissemos acima, a cultura contemporânea é um território recombinação e a novidade não é tanto a recombinação em si, mas o seu alcance. A recombinação, que tem dominado a cultura ocidental pelo menos desde a segunda metade do século XX, adquire aspectos planetários nesse começo de século XXI.

A cibercultura instaura uma estrutura midiática ímpar (estrutura “pós-massiva” como veremos adiante) na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode produzir e publicar informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, adicionar e colaborar em rede com outros, reconfigurando a indústria cultural (“massiva”). Os exemplos são numerosos, planetários, e em crescimento geométrico: *blogs*, *podcasts*, sistemas *peer to peer*, *software* livres,

CIBERCULTURA COMO TERRITÓRIO RECOMBINANTE¹

André Lemos²

Avant Propos

Para uma melhor compreensão da forma como opera a recombinação dos diversos elementos que estão em jogo hoje na cultura contemporânea - que alguns vão chamar de sociedade da informação, sociedade pós-industrial, cibercultura ou sociedade do conhecimento - estabelecerei três princípios básicos, ou três leis dessa sociedade da informação, principalmente em relação às práticas culturais que serão retomadas no fim dessa conferência. Esses três princípios norteadores permitem, de forma geral, compreender a emergência das diversas práticas sociais, comunicacionais e produtivas que criam diversas e inusitadas recombinações na cultura contemporânea. A cibercultura é, por assim dizer, um “território recombicante”. Iremos explorar a “cibercultura *remix*”, os princípios da sociedade da informação e a noção de território para chegar, no final, à hipótese da criação de territórios informacionais, hoje em expansão com as tecnologias de comunicação sem fio. Estas irão fomentar novas práticas recombicatórias nas cidades contemporâneas. Peço paciência aos ouvintes para realizar esse breve percurso.

Princípios da Cibercultura Recombicante

Sejamos diretos: recombicar, copiar, apropriar, mesclar elementos os mais diversos não é nenhuma novidade no campo da cultura. Toda cultura é, antes de tudo, híbrida; formação de hábitos, costumes e processos sócio-técnico-semióticos que se dão sempre a partir de acolhimento de diferenças e no trato com outras culturas. A re-combinação de diversos elementos, sejam eles produtivos, religiosos ou artísticos é sempre um traço constitutivo de toda formação cultural. Por outro lado, toda tentativa de fechamento sobre si acarreta empobrecimento, homogeneidade e morte. A cultura necessita, para se manter vibrante, forte e dinâmica, aceitar e

¹ Esse texto é uma transcrição revisada da conferência realizada no evento “Territórios Recombicantes”, Instituto Goethe (ICBA), Salvador, agosto de 2006.

² Professor Associado da Faculdade de Comunicação da UFBA. Pesquisador 1 do CNPq. Sítio: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos>